**Aumento de mulheres engenheiras na FEI e as dificuldades que elas ainda enfrentam no ambiente acadêmico**

Lorena Teixeira Gonçalves, RA:11.122.239-4, CSJ060-T32

Manuela Fiorini Ciryllo Martinez, RA:11.122.429-1, CSJ060-T32

Thainá Pereira de Souza, RA:11.222.005-8, CSJ060-T32



Crédito da imagem: <https://www.telavita.com.br/blog/machismo-problemas-psicologicos/>

As mulheres no Centro Universitário FEI tiveram uma longa jornada para conquistar o seu espaço. Sabe-se que ainda hoje o número de mulheres engenheiras formadas é muito menor quando comparado ao de homens. Sendo assim, este projeto busca entender o aumento do número de mulheres formadas na FEI, seu impacto no combate ao machismo no ramo acadêmico e as dificuldades enfrentadas por elas.

Ainda hoje, é notório que as mulheres, infelizmente, enfrentam diariamente inúmeras dificuldades no ambiente acadêmico. Uma das principais barreiras observadas é o sexismo implícito ou explícito que ainda existe em muitas universidades e escolas de engenharia. Esse sexismo pode se manifestar de diversas maneiras: desde a falta de oportunidades e reconhecimento até a discriminação e o assédio.

Além disso, as mulheres também enfrentam desafios específicos quando se trata de estudar engenharia. Por exemplo, muitas mulheres relatam que têm menos confiança em suas habilidades matemáticas e científicas do que seus colegas homens. Isso pode levar a uma sensação de inadequação e à falta de participação em aulas e atividades de engenharia.

Em algumas entrevistas que fizemos com alunas da FEI, elas relataram que às vezes se sentem subestimadas e desrespeitadas pelos colegas de classe e até mesmo pelos professores. Disseram que percebem que, em muitas situações, as mulheres são menosprezadas e os homens são encorajados a participar mais ativamente das tarefas propostas.

Ademais, com essas entrevistas, também conseguimos perceber, através de alunos que fazem estágios, que as mulheres que trabalham em campus de engenharia geralmente ganham menos do que seus colegas homens. Isso pode ser atribuído a uma série de fatores, incluindo preconceito de gênero e a falta de mulheres em cargos de liderança.

Nesse contexto, é notório que alunas de engenharia muitas vezes precisem lidar com estereótipos de gênero negativos e a sensação de serem constantemente subestimadas. Isso pode incluir serem chamadas de "meninas" em vez de "engenheiras" ou receberem comentários condescendentes sobre sua capacidade de entender conceitos técnicos. A exemplo disso, uma aluna do sexto semestre, que está fazendo estágio, nos relatou ser pouco valorizada dentro do seu ambiente de trabalho por não receber tarefas, atividades ou problemas para que ela possa resolver, fazendo com que muitas vezes duvide de sua própria capacidade.

Embora as mulheres ainda encontrem muitas dificuldades e obstáculos em sua jornada na engenharia, nos últimos anos tem havido um aumento significativo no número de mulheres que decidem seguir a carreira. Isso é um grande passo para a igualdade de gênero e representa uma mudança positiva em uma área que historicamente tem sido dominada pelos homens.

Com mais mulheres formadas em engenharia, há um aumento na diversidade de pensamentos, perspectivas e ideias. Isso ajuda a eliminar estereótipos e preconceitos de gênero que podem limitar a participação feminina em áreas como STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática). Além disso, a presença de mulheres capacitadas e respeitadas no ramo acadêmico desafia as normas culturais que marginalizam as mulheres, ajudando a mudar a cultura de machismo na engenharia.

Conclui-se, portanto, que o aumento do número de mulheres formadas na FEI resultou em maiores oportunidades para que elas avancem em suas carreiras, ocupando posições de liderança e influência no campo da engenharia. Com mais mulheres em posições de destaque, há uma maior probabilidade de mudar a cultura do machismo e de promover uma engenharia mais inclusiva e igualitária.